



GRUPO PARLAMENTAR

República da República
332144
050202
09 11 10

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA Gabinete dos Secretários da Mesa
PUBLIQUE-SE
DISTRIBUA-SE
Data 11, 11, 09

1

VOTO DE CONGRATULAÇÃO N.º 2/XI
20 Anos da Queda do Muro de Berlim

URGENTE:
À BAPLEN
09.11.10
l b m

Cumprem-se hoje, dia 9 de Novembro, 20 anos sobre a data da queda do Muro de Berlim.

O Muro de Berlim foi erigido em 1961 pelas autoridades da então República Democrática Alemã e constituiu uma barreira altamente sofisticada, destinada a evitar que cidadãos dos países de leste continuassem a fugir para o Ocidente.

O Muro tinha uma extensão de 43 quilómetros, 302 torres de vigia, 30 bunkers, 127 redes metálicas electrificadas com alarme e era 'guardado' por mais de 10 mil soldados e quase mil cães de guarda.

O Muro provocou a morte de entre 125 a 262 pessoas, embora se admita que esse número possa ser ainda superior. Apesar da sua existência, mais de 5 mil pessoas conseguiram transpô-lo e, desse modo, alcançar a liberdade.

Foi um Muro que dividiu seres humanos, que separou famílias e vizinhos, que cortou ao meio a capital da Alemanha.

Mas o Muro de Berlim também simbolizou a separação da Europa e mesmo a divisão do Mundo em dois blocos politico-militares opostos.

De um lado, o Ocidente, maioritariamente constituído por países livres, pluralistas, democráticos, assentes no respeito pelos Direitos Humanos.

Do outro, o Leste comunista, liderado pela então União Soviética que dominava um largo conjunto de Estados-satélite, cujos povos viviam sob o jugo do totalitarismo, privados de liberdade política, religiosa, social, moral e mesmo económica.

Do lado ocidental chamou-se-lhe *Muro da vergonha*.

Do lado oriental denominou-se *Muralha antifascista*.

Às novas gerações parece já impossível que, há tão poucos anos e, porém, de forma já tão distante, tenham existido povos europeus presos nos seus próprios países, impedidos de viver enquanto seres humanos livres, senhores do seu destino colectivo.

Mas tal assim foi desde que, nas notáveis palavras de Winston Churchill, uma *Cortina de Ferro desceu sobre o continente*, dividindo-o ao meio e afastando a Rússia, a Polónia, a Hungria, a Roménia, a Bulgária, a Albânia, os Estados bálticos e as então Checoslováquia,

18



GRUPO PARLAMENTAR

Alemanha de Leste e Jugoslávia, do convívio com as livres e democráticas nações do Ocidente.

Durante décadas o Mundo sofreu a ameaça da guerra nuclear, viveu sob o signo de uma *paz armada* caracterizada por insanáveis divergências ideológicas, por uma imparável corrida aos armamentos e, principalmente, pelo confronto geopolítico à escala global entre os Estados Unidos da América e a União Soviética, as *irmãs inimigas*, na feliz definição de Raymond Aron.

Este período, vulgarmente conhecido por *Guerra Fria*, teve o início do seu epílogo com a queda do Muro de Berlim, que assim se tornou, também, um marco decisivo na história da liberdade dos povos europeus.

Os antecedentes da queda do Muro podem ser encontrados na visão estratégica de vários homens notáveis: no Papa João Paulo II, que, ainda em 1979, desafiou o povo polaco a perder o medo; no sindicalista Lech Walesa, fundador do *Solidariedade* e impulsionador do reformismo político na Polónia; no Presidente Ronald Reagan, que obrigou a URSS a reconhecer-se incapaz de acompanhar o esforço militar norte-americano; no secretário-geral do PCUS, Michael Gorbachev, com a *Glasnost*, a *Perestroika* e a recusa de repetir os erros soviéticos de 1956, em Budapeste, e de 1968, em Praga; ainda no chanceler federal Helmut Kohl, que fez a política dos *pequenos passos* dar lugar à efectiva unificação alemã.

A queda do Muro deve-se também, e muito, ao colapso económico do modelo de economia socialista planificada, cuja falência, na generalidade dos países da Europa de Leste, não podia mais ser suportada, no final dos anos 80 do séc. XX, pelas exangues finanças públicas do Estado soviético.

Mas a efectiva queda do Muro não teria sido possível sem a coragem das pessoas comuns, das multidões de anónimos berlinenses que, na noite de 9 de Novembro de 1989, perderam finalmente o medo e saíram à rua para fazer História.

Coragem que abriu a porta para a unificação da Alemanha e, mais tarde, para o considerável movimento de alargamento da União Europeia, a qual passou de 12 Estados-membros, em 1989 – já entre os quais Portugal –, para os actuais 27, assim se transformando na *casa comum* de cerca de 500 milhões de europeus.

A União Europeia teve na sua génese a vontade da Paz.

Na vontade de que nunca mais se repetissem os terríveis flagelos das I e II Guerras Mundiais, que provocaram a morte de mais de 8 milhões de pessoas, no primeiro caso, e de 60 milhões, no segundo.

Mas a União Europeia teve também na sua génese a inabalável crença nos valores da Liberdade, da Democracia e do respeito pelos Direitos Humanos.

10



GRUPO PARLAMENTAR

A queda do Muro de Berlim simboliza todos estes valores civilizacionais.

E são esses valores que a Assembleia da República hoje uma vez mais celebra e proclama.

Assim,

A Assembleia da República associa-se às comemorações do 20.º aniversário da queda do Muro de Berlim, evoca e presta homenagem às vítimas de todos os sistemas políticos totalitários e reafirma o seu profundo comprometimento com a defesa dos valores da Liberdade, da Democracia e do respeito pelos Direitos Humanos.

Palácio de S. Bento, 9 de Novembro de 2009

Os Deputados,

António Costa

JOSE ANTÓS COSTA

JOSE WIS ARNANO